



Método Teológico Latino-Americano

Latin American Theological Method

*Francisco Aquino Júnior

Resumo

Partindo da ampla produção teológica na América Latina e dos debates acerca de seu estatuto epistemológico ao longo de mais de cinquenta anos, o artigo aborda a problemática do método teológico latino-americano. Trata-se de um exercício re-flexivo, no sentido de dobrar-se ou voltar-se sobre essa teologia, procurando identificar suas características fundamentais e ver se há algo que a distingue de outras teologias a ponto de se poder falar de uma teologia e, consequentemente, de um método teológico latino-americanos. O artigo apresenta, quase a modo de teses, três aspectos dessa teologia que, em sua complexidade e pluralidade, caracterizam e dinamizam seu quefazer teológico: o assunto da teologia, o caráter práxico da teologia e o lugar social da teologia.

Palavras-chave: Teologia; América Latina; Método Teológico;

Práxis; Pobres.

Abstract

Based on the extensive theological production in Latin America and the debates about its epistemological status over more than fifty years, this article addresses the issue of the Latin American theological method. This is a reflective exercise, in the sense of bending or turning back on this (way of doing) theology, seeking to identify its fundamental characteristics and see if there is anything that distinguishes it from other theologies to the point that one can speak of a theology and, consequently, a Latin American theological method. The article presents, almost as theses, three aspects

*Doutor em Teologia pela Westfälische Wilhelms Universität Münster (2009). Professor na Faculdade Católica de Fortaleza (FCF) e da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Contato: axejun@yahoo.com.br



Texto enviado em

13.08.2025

Aprovado em

10.10.2025

Ano XXXIII - V. 34 - Nº 111

Mai - Dez 2025



PUC-SP

Programa de Estudos

Pós Graduados em
Teologia - PUC/SP

of this theology which, in their complexity and plurality, characterize and energize its theological work: the subject of theology, the practical character of theology, and the social place of theology.

Keywords: Theology; Latin America; Theological Method; Praxis; Poor.

Introdução

Falar sobre método teológico latino-americano é falar sobre o modo de fazer teologia na América Latina. Precisamos nos perguntar, então, se existe mesmo um modo próprio ou específico de fazer teologia na América Latina e, caso exista, quais são suas características fundamentais. Trata-se de um exercício reflexivo, no sentido de dobrar-se ou voltar-se sobre essa teologia, procurando identificar e explicitar suas características e, confrontando-a com outras formas de fazer teologia, ver se há algo que a distingue de outras teologias a ponto de se poder falar de uma teologia latino-americana.

Os debates sobre método teológico supõem sempre uma teologia já feita e se dão, em geral, a modo de problematização, justificação ou correção dessa teologia. Eles ganharam muita importância no mundo moderno, quando o exercício crítico-reflexivo da razão parece sobrepor-se à força da tradição. Em todo caso, de algum modo e em algum momento, impõem-se como necessidade do próprio exercício teológico: seja em função da discussão acerca do estatuto teórico da teologia; seja em função do ensino da teologia; seja em torno de controvérsias teológicas.

No caso específico da teologia latino-americana, coisa rara, os debates sobre método são contemporâneos ao seu surgimento e desenvolvimento. Antes de consolidar um nível de elaboração e formulação teóricas foi problematizada e teve que explicitar e justificar seu estatuto teórico-teológico. Isso fez da problemática do método algo central e recorrente nessa teologia desde o início. É verdade que, em geral, esse é um tema mais referido e/ou esboçado que desenvolvido. E, mesmo entre os teólogos que mais e melhor se enfrentaram como essa problemática, até pela complexidade do tema e pela variedade de

teologias e métodos na teologia latino-americana, ainda não se alcançou um tratamento adequado e suficiente. Permanece uma questão aberta e disputada.

Em todo caso, tendo sempre em conta a pluralidade que caracteriza a teologia latino-americana (AQUINO JÚNIOR, 2010, p. 43-97; 2021b, p. 6-12), a vasta produção teológica e os debates sobre o método dessa teologia ao longo de mais de 50 anos (GUTIÉRREZ, 2000a; 2000b; ASSMANN, 1973; SEGUNDO, 1975; RUIZ MALDONADO, 1976; SCANNONE, 1976; ELLACURÍA, 2000; BOFF, 1993; 2023; BOFF; BOFF, 1998; LIBANIO, 1987; TABORDA, 1987, p. 293-319; SOBRINO, 1992 p. 47-80; COMBLIN; GONZÁLEZ FAUS; SOBRINO, 1993; AQUINO, 1997; SILVA, 1998; SUSIN, 2000a; 2000b; AQUINO JÚNIOR, 2010; 2024; BINGEMER, 2017; GUIMARÃES; SBARDELOTTI; BARROS, 2022; BRASILEIRO; SOUZA; ALMEIDA; ALVES, 2023; AQUINO JÚNIOR; BONAVIA; CÉSPEDES; ORTIZ, 2023) permitem identificar alguns traços que, se não são exclusivos, caracterizam essa teologia e adquirem com ela uma peculiaridade que permite e justifica falar de uma maneira própria de fazer teologia na América Latina. É o que faremos a seguir, apresentando três aspectos fundamentais dessa teologia que, em sua complexidade e pluralidade, caracterizam e dinamizam seu quefazer teológico: o assunto da teologia, o caráter prático da teologia e o lugar social da teologia (AQUINO JÚNIOR, 2017).

Antes, porém, convém fazer duas considerações de ordem teórico-conceitual. Em primeiro lugar, pode causar alguma inquietação ou mal-estar falar de teologia *latino-americana* e não de teologia da *libertação*. Poderia parecer uma forma sutil de negação da teologia da libertação ou uma estratégia linguística de blindagem das críticas e acusações já conhecidas e/ou de sedução e convencimento de novas gerações. Importante deixar claro, então, que, ao falar de teologia latino-americana, falamos da teologia da libertação. Aliás, essas duas expressões são utilizadas, desde o início, para se referir à teologia feita na América Latina. Falamos de teologia “latino-americana” para destacar melhor com a expressão “libertação” um aspecto ou característica fundamental dessa teologia. Em segundo lugar, não se pode desconsiderar nem simplificar a complexidade e pluralidade que caracterizam essa teologia desde o início e, sobretudo, a partir da década de 1990: perspectivas, sujeitos, interlocutores,

pressupostos, mediações, linguagens etc. Muitas pessoas preferem falar de teologias da libertação, destacando o caráter plural e irredutível desse movimento teológico. Mas isso não impede que se pergunte e se veja se, nessa diversidade de *teologias* (pluralidade), não há algumas características comuns que permitam falar de *teologia* da libertação (unidade). É o que faremos a seguir, a partir do que consideramos os aspectos fundamentais de seu método teológico.

1. Assunto da teologia

Uma questão aparentemente clara e tranquila nos debates sobre método teológico diz respeito ao assunto da teologia. É muito comum retomar aqui a tese de Anselmo da teologia como *fides quaerens intellectum* (a fé que busca inteligência) (ANSELMO DE CANTUÁRIA, 2016, p. 38) e/ou afirmar com Tomás de Aquino que na teologia tudo é tratado *sub ratione Dei* (sob a razão de Deus) (*STh I*, q.1, a.7, resp.). Parece uma questão simples. E a resposta parece ser muito fácil: a teologia trata de Deus ou, mais precisamente, da revelação e da fé. Mas a questão é mais complexa do que parece porque não se pode dar por evidente ou por suposto nem a realidade nem a intelecção de Deus e da fé, nem tampouco a linguagem com a qual se fala de Deus e da fé.

Por mais que não se possa prescindir da história da teologia para falar de Deus, de seu desígnio para a humanidade e da relação com ele, já que a teologia se faz sempre em Tradição e é parte da própria Tradição, a teologia não é sem mais estudo de doutrina já elaborada: Escritura, magistério, teologia. Não é teoria de teoria. A teologia trata de Deus, enquanto se faz presente e atua na história com a humanidade. E faz isso a partir da vida de Jesus de Nazaré, testemunhada na Sagrada Escritura e transmitida na Tradição eclesial. Ela não trata simplesmente nem fundamentalmente de ideias/doutrinas sobre Deus e sobre a fé, mas de sua ação salvadora ou de seu reinado no mundo. É inteligência da salvação ou do reinado de Deus no mundo. É, certamente, intelecção, mas intelecção de realidade (não apenas de ideias!) e de realidade atual (não apenas passada!).

Isso foi sendo intuído e esboçado de diferentes modos já na década de 1970 como traço característico e mesmo diferenciador da teologia latino-americana em relação às compreensões e práticas teológicas convencionais. Gustavo Gutiérrez,

por exemplo, insistia no primado da vida cristã, da fé ou da espiritualidade (“ato primeiro”) em relação à teologia (“ato segundo”): “A veneração a Deus e a atualização de seu designio são a condição necessária para uma reflexão sobre ele. Só a partir da prática (contemplação e compromisso) é possível elaborar um discurso autêntico e respeitoso sobre Deus” (GUTIÉRREZ, 200b, p. 18). A teologia é compreendida aqui, não como estudo de doutrinas, mas como “reflexão crítica da práxis histórica à luz da Palavra” (GUTIÉRREZ, 2000a, p. 71). Juan Luis Segundo se perguntava “se é possível diferenciar as atitudes de um teólogo da libertação das de um teólogo qualquer” (SEGUNDO, 1975, p. 11). E o ponto fundamental aqui, para ele, está na relação com o presente: Enquanto a teologia convencional ou acadêmica está ligada ao “passado” e às “ciências que ajudam conhecer esse passado”, a teologia da libertação “desconfia que tudo aquilo que tem a ver com as ideias está intimamente relacionado [...] com a presente situação social” e procura articular “as disciplinas que lhe abrem o passado e as disciplinas que lhe explicam o presente [...] no seu intento de interpretar a palavra de Deus dirigida a nós, aqui e agora” (SEGUNDO, 1975, p. 11-12). Jon Sobrino, por sua vez, falando do “conhecimento teológico na teologia europeia e latino-americana”, relaciona a teologia europeia com a primeira ilustração (Kant/razão) e a teologia latino-americana com a segunda ilustração (Marx/realidade): “Enquanto a teologia europeia tentou um contraste com a realidade a partir das mediações do próprio pensamento”, diz ele, “a teologia latino-americana pretende aproximar-se da realidade tal qual é, mesmo quando não se pode fazer uma clara distinção entre a realidade como é e a realidade interpretada teológica, filosófica ou culturalmente”; enquanto a teologia europeia estava mais interessada em “esclarecer” as ideias, a teologia latino-americana estava mais interessada em “transformar” a realidade (SOBRINO, 1982, p. 26).

Poderia retomar muitos outros autores, mas as referências feitas, além de muito relevantes e representativas, são suficientes para destacar um aspecto fundamental da teologia latino-americana, desde o início, em suas diversas expressões, correntes e formulações: Ela não trata primária nem fundamentalmente de *doutrinas e textos* sobre Deus, fé, salvação etc., mas da *realidade* de Deus e sua ação salvadora no mundo e da fé que corresponde a essa ação salvadora, por

mais que não possa prescindir de doutrinas e textos. Tampouco está voltada para *acontecimentos passados*, como se a ação salvadora de Deus e a fé não fossem *realidades atuais* com as quais deve se enfrentar e teorizar.

Certamente, a teologia lida com ideias e textos: Sagrada Escritura, Magistério, história da teologia, sabedoria popular, filosofia, ciências as mais diversas etc. Faz parte de seu labor. Mas tudo isso é mediação que ajuda a discernir, elaborar e teorizar a realização histórica da salvação ou reinado de Deus no mundo. O que, em última instância, interessa à teologia não é estudar textos e doutrinas (sentido/interpretação), por mais necessário que isso seja, mas apreender os sinais da salvação ou do reinado de Deus e ajudar a comunidade eclesial e o conjunto da sociedade acolher e colaborar com seu crescimento no mundo (realidade/realização). Nesse sentido, ela “não se limita a pensar o mundo, mas procura situar-se como um momento do processo por meio do qual o mundo é transformado, abrindo-se [...] ao dom do Reino de Deus” (GUTIÉRREZ, 2000a, p. 73-74). Isso explica o interesse visceral da teologia latino-americana pelos acontecimentos históricos, pela situação atual, pelo presente, a ponto de tratar todos os temas ou assuntos da teologia sempre em relação ao contexto atual. Além de estar em profunda sintonia com a tarefa e o desafio do “discernimento dos sinais dos tempos”, de que fala o Concílio Vaticano II (GS 4, 11, 44), constitui a tarefa primária, fundamental e mais importante da teologia. Do contrário, a teologia acabaria reduzida a uma espécie de arqueologia teórico-conceitual, a erudição teórica, a vaidade academicista, quando não terminaria em especulação abstrata estéril e instrumento ideológico para a manutenção do *status quo*.

Por mais que a teologia tenha que estudar, interpretar e explicar doutrinas e textos, começando pela Sagrada Escritura, sua tarefa mais importante e mais fundamental, vale insistir, consiste em apreender, explicitar, formular e teorizar a realização histórica da salvação ou do reinado de Deus no mundo. O estudo de doutrinas e textos constitui um momento do processo mais amplo do estudo da realização histórica da salvação e está a seu serviço. Nesse sentido, para ser bom teólogo ou boa teóloga não basta erudição teológica. Faz-se necessário, sobretudo, um instinto espiritual aguçado para reconhecer, discernir e explicitar a dimensão teologal dos acontecimentos históricos, isto é, os sinais da salvação

ou do reinado de Deus no mundo. É nesse sentido que Ignacio Ellacuría e Jon Sobrino falam do “reinado de Deus” como *âmbito de realidade ou assunto da teologia cristã*. E falam da “teologia da libertação” como *teologia do reinado de Deus* (ELLACURÍA, 2000, p. 175-176, 235, 315; SOBRINO, 1994, p. 509-510; AQUINO JÚNIOR, 2017, p. 31-51). Mais que a materialidade da expressão “reinado de Deus”, cuja densidade teórico-teológica não se deve diminuir nem desprezar, importa, aqui, acima de tudo, a realidade a que remete ou que expressa: a *ação salvadora de Deus no mundo*. É isso que está em jogo na teologia. É disso que se trata na teologia. Tudo o mais é mediação, mais ou menos útil e eficaz, para sua apreensão, expressão, formulação, teorização. Sem esquecer jamais que a teologia, enquanto exercício intelectual, é inseparável da realidade que procura apreender (*intelecção de*) e a serviço da qual está (*intelecção para*). É, portanto, intelecção da salvação ou do reinado de Deus e serviço intelectual à sua realização histórica.

2. O caráter prático da teologia

Profundamente ligada à problemática do “assunto da teologia” está a problemática do “caráter prático da teologia”. Além de tratar intelectivamente de uma realidade prática (salvação ou reinado de Deus), a teologia latino-americana comprehende o próprio labor intelectual como inseparável da práxis que procura apreender, teorizar e servir (momento teórico da práxis). Uma das características mais marcantes dessa teologia, em suas várias versões e expressões, desde o início, é a insistência no vínculo ou nexo essencial da teologia com a realização histórica da salvação ou do reinado de Deus, formulado sobretudo em termos da relação teoria-práxis.

Embora com concepções distintas da práxis e da relação teoria-práxis, as primeiras gerações de teólogos latino-americanos sempre falavam da teologia da libertação como uma teologia da práxis: “um momento do processo por meio do qual o mundo é transformado” (GUTIÉRREZ, 2000a, p. 74)); uma espécie de praxeologia da libertação (ASSMANN, 1973, p. 62-65); “momento consciente e reflexo da práxis eclesial” (ELLACURÍA, 2000, p. 163-185); “teologia do político e suas mediações” (BOFF, 1993); “intelectus amoris” (SOBRINO,

1992, p. 47-80), entre outros. E todas as teologias da libertação (feminista, negra, indígena, ecológica, religiosa e inter-religiosa, lgbt etc.), em suas mais diversas compreensões e formulações, estão vinculadas a processos históricos de libertação: movimentos feministas, negros, indígenas, ecológicos, lgbtqiap+ etc. Não se pode compreender nenhuma teologia da libertação independentemente da práxis a que está vinculada: como “intelecção de” e como “serviço intelectual a”. Essa referência constitutiva à práxis é, portanto, uma característica fundamental da teologia latino-americana.

É verdade que essa referência constitutiva da teoria à práxis, em geral, é mais intuída e esboçada que propriamente desenvolvida. E é verdade também que há nas teologias latino-americanas concepções muito diversas, mais ou menos elaboradas ou pressupostas, do que fazer teológico enquanto exercício intelectual em sua relação com a práxis. Em geral, predominam duas concepções de intelecção nas teologias latino-americanas: intelecção como “hermenêutica” e intelecção como “momento da práxis”. E isso é determinante da concepção de teologia e de sua relação com a práxis: *teologia como hermenêutica e teologia como momento da práxis*. Por mais que não sejam opostas e até se impliquem mutuamente, são concepções muito distintas de teologia. Enquanto uma está centrada na *interpretação e explicação do sentido dos conteúdos teológicos*, a outra se volta para a *apreensão e historicização da realidade teologal*. Está em jogo aqui tanto a compreensão da teologia como exercício intelectual (interpretação ou apreensão), quanto a preocupação e o interesse fundamentais da teologia (sentido ou realização) e, consequentemente, as mediações fundamentais para o seu desenvolvimento (diálogo cultural ou possibilidades de realização histórica) (AQUINO JÚNIOR, 2018, p. 91-96; 2024).

Se Gustavo Gutiérrez já havia intuído e esboçado essa problemática do caráter práxico da teologia, compreendendo-a como “reflexão crítica da práxis histórica à luz da Palavra” (GUTIÉRREZ, 2000a, p. 71) ou como “um momento do processo por meio do qual do mundo é transformado, abrindo-se [...] ao dom do Reino de Deus” (GUTIÉRREZ, 2000a, p. 74), Ignacio Ellacuría foi, sem dúvida, quem mais e melhor se enfrentou com essa problemática (ELLACURÍA,

2000, p. 163-185, 187-218, 235-245). E fez isso tomando como referencial teórico a teoria da inteligência de Xavier Zubiri (ZUBIRI, 200; 2002; 2006).

Diferentemente de outras teologias, cuja preocupação e orientação fundamentais residem na busca e “compreensão do sentido” das afirmações dogmáticas (interpretação), diz Ellacuría, a preocupação e orientação fundamentais da teologia latino-americana residem na realização histórica da salvação, isto é, na “transformação da realidade e, nela, a transformação da pessoa” (práxis). Frente a teologias predominantemente “intelectualistas”, centradas nas ideias, no diálogo cultural, na lógica discursiva etc., a teologia latino-americana é uma teologia predominantemente “realista” e prática, centrada na realidade que procura inteligir (e não na ideia ou conceito dessa realidade) e em sua realização histórica, isto é, na busca de mediações concretas de sua efetivação (e não apenas na busca de seu sentido) (ELLACURÍA, 2000, p. 200). Certamente, interessa à teologia latino-americana o sentido das afirmações teológicas, mas em função de sua realização histórica, como um momento do processo de realização da salvação.

Essa afirmação do primado da práxis sobre o sentido não é uma afirmação gratuita, feita em função de algum ativismo pastoral ou político e em prejuízo da atividade estritamente teórica. Ela está fundamentada na análise da própria intelecção humana. Ao contrário do que se costuma pensar, afirma Ellacuría, a intelecção não é primariamente especulação (teórica), mas um modo de enfrentamento (prático) e não consiste formalmente em “compreensão de sentido”, mas em “apreensão de realidade” (ELLACURÍA, 2000, p. 202-211). É claro que todas as coisas, enquanto apreendidas intelectivamente, adquirem algum sentido na vida humana que é preciso explicitar. Mas o sentido, enquanto sentido da coisa apreendida, está fundado na coisa mesma e sua interpretação pressupõe sua apreensão. De modo que, primária e formalmente, a intelecção consiste em “apreender a realidade” e em “enfrentar-se com ela” como “realidade” (ELLACURÍA, 2000, p. 207-208).

Mas, por mais que todas as teologias latino-americanas estejam vinculadas a processos de libertação e, de alguma forma, compreendam-se como teologias

da práxis, em geral, como já indicamos, isso é mais pressuposto e afirmado que problematizado e desenvolvido. E, mesmo quando se enfrenta com essa problemática, nem sempre alcança um nível de compreensão e elaboração que expresse de modo consequente e convincente o caráter práxico da teologia. Aliás, nas últimas décadas, foi se impondo cada vez mais a tese da “teologia como hermenêutica” (Segundo, Scannone etc.) sobre a tese da “teologia como momento teórico da práxis” (Gutiérrez, Ellacuria, Sobrino etc.). E, muitas vezes, como se não houvesse diferença entre elas ou como se fossem a mesma coisa. Não se trata, evidentemente, de contrapor hermenêutica e práxis, mas de perguntar se a intelecção se reduz a hermenêutica ou se a hermenêutica não seria um momento (interpretação) do processo mais amplo de enfrentamento humano com a realidade (práxis).

Tudo isso tem muitas consequências para o fazer teológico, para o produto teológico e para sua fecundidade e eficácia socio-pastoral. Não é uma questão meramente teórico-abstrata, sem maiores implicações práticas. Pelo contrário. Não dá no mesmo compreender e centrar o labor teológico na interpretação e explicação do sentido das afirmações teológicas (hermenêutica) que na apreensão da dimensão teologal dos acontecimentos históricos e na busca de mediações teóricas e práticas para seu dinamismo histórico (momento teórico da práxis). Como bem adverte Antonio González, “a eleição adequada do ponto de partida da teologia [interesse ou orientação fundamental] pode determinar decisivamente a formulação da mensagem que o cristianismo quer transmitir a uma humanidade atravessada por enormes conflitos” (GONZÁLEZ, 1995, p. 669).

E isso que vale para o debate teórico-acadêmico ocidental, sempre tentado a dualismos e idealismos de toda espécie, ganha ainda maior densidade e relevância teórico-teológicas no contexto da sabedoria bíblica e popular, onde o conhecimento é de ordem sapiencial e, portanto, algo concreto, vivencial, experiencial, práxico: “conhecer = amar = fazer” (BOFF, 1998, p. 188). Conhecer a Deus é viver em comunhão com ele e realizar sua vontade. Nas palavras do profeta Jeremias: “fez justiça a pobres e indigentes, e isso é conhecer-me” (Jr 22, 16). Nas palavras de São João: “sabemos que o conhecemos se cumprimos seus mandamentos” (1Jo 2,3); “quem não ama não conheceu a Deus, já que Deus

é amor” (1Jo 4,8). Mais que definição/conceito abstrato de Deus, temos aqui um saber experiencial de Deus: um saber que se dá na e pela experiência, um saber que se expressa com linguagens da experiência e que se verifica na própria experiência. Enfim, saber como sabedoria, saber com sabor, saber que é fonte e caminho de vida.

3. Lugar social da teologia

A teologia latino-americana, como vimos, é uma *teologia da práxis*: trata da realização histórica da salvação ou reinado de Deus (assunto da teologia) e se constitui como momento teórico da práxis (caráter práxico da teologia). Mas com isso ainda não se disse tudo. Não é apenas ou sem mais uma teologia da práxis, como tantas outras, mas uma *teologia da libertação*, nascida e desenvolvida em meio a processos históricos de libertação (lugar social da teologia). E isso é determinante do seu estatuto teórico. Talvez seja o ponto mais original, mais decisivo e mais polêmico dessa teologia.

Gustavo Gutiérrez falava já no início dos anos 1970 da teologia da libertação como uma “tentativa de compreender a fé a partir da práxis histórica, libertadora e subversiva dos pobres deste mundo, das classes exploradas, das raças desprezadas, das culturas marginalizadas” (GUTIÉRREZ, 1981, p. 58). Em outra ocasião, explicitando melhor seu estatuto teórico, falava de “duas intuições centrais que foram as primeiras cronologicamente e continuam constituindo sua coluna vertebral”: “método teológico” e “perspectiva do pobre” (GUTIÉRREZ, 1981, p. 293). E insistia na inseparabilidade desses dois aspectos: “Se a teologia é uma reflexão a partir da práxis e sobre ela, então é importante ter presente que se trata da práxis de libertação dos oprimidos deste mundo”. Por isso, insiste Gutiérrez, “não basta dizer que a práxis é o ato primeiro; é necessário também considerar o sujeito histórico dessa práxis: os até agora ausentes da história”. E conclui: “Assim entendida, a teologia parte das classes populares e de seu mundo: é um discurso teológico que se faz verdade, se verifica, na inserção real e profunda no processo de libertação” (GUTIÉRREZ, 1981, p. 294). Trata-se, portanto, de uma *teologia da práxis* (método teológico) *de libertação* (perspectiva

do pobre). Não por acaso ou sem razão, ela é comumente identificada e nomeada como “teologia da libertação”.

Falar de “teologia da libertação” implica considerar a problemática mais ampla do “lugar social da Igreja” e, nela, a problemática mais específica, mas não menos complexa, do “lugar social da teologia” (ELLACURÍA, 2000, p. 139-161; AQUINO JÚNIOR, 2017, p. 75-116). É a delicada e complexa questão do “a partir de onde” e o “a serviço de quem” atua a Igreja e se faz teologia. Talvez seja o ponto mais decisivo e mais polêmico da teologia da libertação e aquilo que a distingue e a distância de outras teologias da práxis e de outras teologias sensíveis aos pobres e marginalizados desse mundo. É tanto um problema pastoral, quanto um problema epistemológico.

Do ponto de vista epistemológico, sempre se insistiu na importância do lugar social no fazer teológico, bem como na tese dos pobres e marginalizados como lugar fundamental da revelação, da fé e da teologia cristãs. Para o primeiro aspecto, foi decisivo o contato com as lutas populares e com as ciências sócio-históricas, antropológicas, hermenêuticas etc. Já o segundo aspecto se deu fundamentalmente através da teologia bíblica e de sua função canônica no conjunto da teologia. Duas tarefas distintas, mas que se implicam e se remetem mutuamente. Trata-se de explicitar com a ajuda das ciências sócio-históricas o lugar ou os lugares que a teologia *vem ocupando* ao longo da histórica e determinar teologicamente o lugar que ela *deve ocupar*.

Por um lado, é preciso se confrontar criticamente com a história da teologia, explicitando o lugar social que ela *vem ocupando*. E, aqui, é fundamental a pergunta do “para que e para quem” da teologia, isto é, a pergunta do “a quem serve” e “para que, de fato, serve” uma determinada teologia (ELLACURÍA, 2000, p. 214). Não se trata de julgar o passado com critérios atuais, até porque essa tarefa abrange também as mais diversas teologias produzidas no presente. Trata-se, simplesmente, do esforço de identificar o lugar social das diversas teologias (passadas e presentes) com as quais nos confrontamos. E por uma dupla razão. Primeiro, por uma questão de criticidade e lucidez teóricas. Se toda teologia se produz sempre a partir de e em referência a um determinado

lugar social, é importante e necessário identificar esse lugar social para que ela possa ser melhor compreendida em suas afirmações, em seus objetivos e em suas mediações prático-teóricas. Segundo, por uma razão estritamente teológica: analisar sua legitimidade e seu fundamento teológicos. É que a história da Igreja e, concretamente, a história da teologia não pode ser reduzida a um elenco de acontecimentos, autores e teorias. O teológico de uma abordagem da história da Igreja e, nela, da história da teologia consiste na análise e interpretação desses acontecimentos, autores e teorias a partir e em vista da salvação ou da realização do reinado de Deus. E para isto não basta identificar o lugar social de uma teologia qualquer. É preciso confrontá-lo com o lugar social da história da salvação, tal como aparece na Escritura, particularmente, na práxis de Jesus Cristo.

Por outro lado, é preciso determinar o lugar social que a teologia *deve ocupar*. Essa tarefa é necessária, tanto para se poder levar a cabo uma abordagem teológica da história da Igreja e, nela, da história da teologia, como vimos, quanto para se desenvolver uma teologia autenticamente cristã. Mas se a identificação do lugar social de uma teologia qualquer se faz, sobretudo, com a ajuda as ciências sócio-históricas e sua “suspeita ideológica” (a quem ou a que interesses sociais *servem de fato*), a determinação de seu lugar social é uma tarefa estritamente teológica (a quem ou a que interesses *devem servir*). E deve ser feita a partir de e em referência ao acontecimento histórico que funciona como fundamento, “cânon” e critério tanto para a práxis eclesial, quanto para seu momento mais propriamente intelectivo, isto é, a teologia: a história de Israel e, nela, a práxis de Jesus Cristo. É a partir daqui que se pode e se deve justificar ou criticar teologicamente o lugar social de uma teologia qualquer – do passado ou do presente; de um determinado teólogo ou do magistério episcopal. É a partir daqui que se evita o relativismo teológico, na medida em que a discussão do lugar social da teologia é feita a partir de um critério objetivo e, ademais, historicamente verificável, para além de todo subjetivismo e de todo idealismo. E é a partir daqui que a teologia deixa de ser instrumento ideológico das mais diversas formas de opressão e dominação e exerce de modo consequente a função profética que lhe compete na sociedade, enquanto momento consciente e reflexo da salvação ou do reinado de Deus neste mundo.

Esse é o aspecto mais complexo e conflitivo, mas também o mais bíblico e o mais profético e eficaz da teologia latino-americana. É mais complexo e conflitivo porque toca em interesses bem concretos e desmascara a instrumentalização ideológica da teológica – não se deve esquecer que a teologia foi e continua sendo usada para legitimar diferentes formas de injustiça (econômica, social, política, cultural, étnico-racial, religiosa, gênero, sexual, ecológica etc.). É mais bíblico porque recupera a característica mais marcante da ação de Deus e da relação com ele na história de Israel e na práxis de Jesus de Nazaré: o direito e a justiça aos pobres e oprimidos. Mais profética e mais eficaz porque se confronta com situações históricas concretas atuais de injustiça e opressão e favorece teórica e praticamente processos históricos concretos atuais de libertação.

Importa, aqui, recordar e insistir que não existe teologia socialmente neutra; que o lugar social da teologia são os pobres e oprimidos e seus processos de libertação; e que isso não compromete a universalidade da salvação, mas apenas determina o “a partir de onde” (pobres e oprimidos) e o “como” (processos de libertação) de sua realização história: É para todos (universalidade), mas se realiza a partir dos pobres e oprimidos e seus processos de libertação (parcialidade). Tomar em sério essa problemática do lugar social da teologia é fundamental para se fazer teologia cristã, enquanto intelecção da realização histórica da salvação ou do reinado de Deus no mundo.

A modo de conclusão

Começamos nos perguntando se existe mesmo um modo próprio ou específico de fazer teologia na América Latina e, caso exista, quais seriam seus traços ou suas características mais importantes. Trata-se, aqui, em sentido estrito, de uma *re-reflexão* sobre o método da teologia latino-americana. Essa reflexão consiste em voltar-se ou dobrar-se sobre essa teologia, procurando identificar suas características fundamentais e seu modo de fazer teologia, isto é, aquilo que lhe confere dinamismo e identidade.

Retomando os debates sobre o método dessa teologia ao longo de mais de meio século, apresentamos os pontos que nos parecem mais importantes e decisivos: 1) a realização histórica da salvação ou do reinado de Deus como

assunto da teologia; 2) a relação teoria-práxis ou o *caráter prático da teologia;* 3) os pobres e marginalizados como *lugar social da teologia.* É verdade que há nas teologias latino-americanas uma diversidade de compreensões e formulações dessas questões. E é verdade também que há muitas afinidades e interações com outras teologias. Em todo caso, não é difícil reconhecer certa unidade nas teologias latino-americanas no que se refere a esses pontos fundamentais em sua mútua interação e determinação. Nem é difícil reconhecer que eles adquirem nessas teologias uma peculiaridade e um dinamismo tais, que as caracterizam e as distinguem de outras formas de compreender e fazer teologia.

Em sua diversidade e complexidade, todas as teologias latino-americanas se enfrentam com a dimensão teologal dos acontecimentos históricos, tratam da realização histórica da salvação ou do reinado de Deus nesse mundo, estão voltadas para o presente (*assunto da teologia*). Todas elas se entendem e se desenvolvem em relação com a práxis, são teologias da práxis, mesmo que compreendam ou se refiram ao processo de intelecção em termos de hermenêutica ou momento da práxis (*caráter prático da teologia*). E todas estão vinculadas a movimentos e processos de libertação, são teologias feitas a partir e a serviço dos pobres e marginalizados em suas lutas por libertação, teologias a partir de baixo e das periferias (*lugar social da teologia*). Isso confere identidade às teologias latino-americanas e permite e justifica falar de teologia latino-americana ou teologia da libertação como uma maneira própria de fazer teologia.

Certamente, esses pontos que destacamos como característicos da teologia latino-americana precisam ser melhor problematizados e desenvolvidos, tanto no que é próprio e específico de cada um deles (*assunto da teologia, caráter prático da teologia, lugar social da teologia*), quanto em sua unidade e em seu dinamismo fundamentais (*teologia/s da libertação*). Está em jogo aqui o estatuto epistemológico da teologia latino-americana. Mas não se deve esquecer que os debates sobre método teológico supõem e se apoiam sempre em teologias concretas. Há um primado da teologia e do fazer teológico sobre os debates epistemológicos. Por mais importante e necessária que seja a problemática do método teológico, nunca pode sobrepor-se nem muito menos substituir o fazer teológico. É preciso continuar fazendo teologia da libertação. E o desafio

maior, aqui, consiste em não ceder à tentação academicista ou erudicionista, refugiando-se nos livros e nas bibliotecas e se reduzindo a teoria de teorias, mas, buscar apreender, explicitar e teorizar a dimensão teologal dos atuais acontecimentos históricos, no que eles têm de positivo/gracioso e negativo/pecaminoso, colaborando intelectualmente na realização histórica da salvação ou do reinado de Deus.

Referências

- ANSELMO DE CANTUÁRIA. *Proslógio*. Porto Alegre: Concreta, 2016.
- AQUINO, Maria Pilar. *A teologia, a Igreja e a mulher na América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1997.
- AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica*. Parte I. V. I. São Paulo: Loyola, 2001.
- AQUINO JÚNIOR, Francisco de. *A teologia como intelecção do reinado de Deus: O método da teologia da libertação segundo Ignacio Ellacuría*. São Paulo: Loyola, 2010.
- AQUINO JÚNIOR, Francisco de. *O caráter prático-social da teologia: Tópicos fundamentais de epistemologia teológica*. São Paulo: Loyola, 2017.
- AQUINO JÚNIOR, Francisco de. *Teologia e filosofia: Problemas de fronteira*. São Paulo: Paulinas, 2018.
- AQUINO JÚNIOR, Francisco de. *Teología e hermenéutica: Da “teología como hermenéutica” ao momento hermenéutico da teología”*. Petrópolis: Vozes, 2021a.
- AQUINO JÚNIOR, Francisco de. “La problemática del método teológico. *Revista Latinoamericana de Teología* 112 (2021b), p. 3-12.
- AQUINO JÚNIOR, Francisco de. *Teología en debate: Sobre o estatuto epistemológico da teología*. São Paulo: Paulus, 2024.
- AQUINO JÚNIOR, Francisco de; BONAVÍA, Pablo; CÉSPEDES, Geraldina; ORTIZ, Alejandro (orgs.). *Susurros del Espíritu: Densidad teologal de los procesos de Liberación*. Montevideo: Ameríndia, 2023.
- ASSMANN, Hugo. *Teología desde la praxis de la liberación: Ensayo teológico desde América Latina dependiente*. Salamanca: Sígueme, 1973.
- BINGEMER, Maria Clara. *Teología latino-americana: Raízes e ramos*. Petrópolis: Vozes, 2017.
- BOFF, Clodovis. *Teologia e prática: Teologia do político e suas mediações*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- BOFF, Clodovis. *Teoria do método teológico*. Petrópolis: Vozes, 1998.

- BOFF, Clodovis. *A crise da Igreja católica e a teologia da libertação*. São Paulo: Ecclesae, 2023.
- BOFF, Leonardo; BOFF, Codovis. Como fazer teologia da libertação. Petrópolis, 1998.
- BRASILEIRO, Eduardo; SOUZA, Robson Sávio; ALMEIDA, Rachel de Castro; ALVES, Claudemir Francisco (orgs.). *Transformações teológicas na América Latina: Novos horizontes para a libertação*. São Paulo: Paulus, 2023.
- COMBLIN, José; GONZÁLEZ FAUS, José Ignacio; SOBRINO, Jon (org.). *Cambio social y pensamiento cristiano en América Latina*. Madrid: Trotta, 1993.
- COMPÊNDIO DO VATICANO II: Constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 1995.
- ELLACURÍA, Ignacio. *Escritos Teológicos I*. San Salvador: UCA, 2000.
- GONZÁLEZ, Antonio. “La vigencia del ‘método teológico’ en la teología de la liberación”. *Sal Terrae* 983 (1995), p. 667-675.
- GUIMARÃES, Edward; SBARDELOTTI, Emerson; BARROS, Marcelo (orgs.). *50 anos de teologias da libertação: Memória, revisão, perspectivas e desafios*. São Paulo: Recriar, 2022.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. *A força histórica dos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da libertação: Perspectivas*. São Paulo: Loyola, 2000a.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. *A verdade vos libertará: Confrontos*. São Paulo: Loyola, 2000b.
- LIBANIO, João Batista. *Teologia da libertação: Roteiro didático para um estudo*. São Paulo: Loyola, 1987.
- RUIZ MALDONADO, Enrique (org.). *Liberación y cautiverio: Debates en torno al método teológico de la teología en América Latina*. Mexico: Venecia, 1976.
- SCANNONE, Juan Carlos. *Teología de la liberación y praxis popular. Aportes críticos para una teología de la liberación*. Salamanca: Sígueme, 1976.
- SEGUNDO, Juan Luis. *Liberación de la teología*. Buenos Aires: Cuadernos latino-americanos, 1975.
- SILVA, Antônio Aparecido (org.). *Existe um pensar teológico negro?* São Paulo: Paulinas, 1998.
- SOBRINO, Jon. “O conhecimento teológico na teologia europeia e latino-americana”; In: *Ressurreição da verdadeira Igreja: Os pobres, lugar teológico da eclesiologia*. São Paulo: Loyola, 1982, p. 17-47.

- SOBRINO, Jon. “Teología en un mundo sufriente. La teología de liberación como ‘intellectus amoris’”. In: *El principio misericórdia: Bajar de la cruz a los pueblos crucificados*. Santander: Sal Terrae, 1992, p. 47-80.
- SOBRINO, Jon. “Centralidad del Reino de Dios en la Teología de la Liberación”. In: ELLACURÍA, Ignacio; SOBRINO, Jon (org.). *Mysterium Liberationis I: Conceptos fundamentales de la Teología de la Liberación*. Madrid: Trotta, 1994, p. 467-510.
- SUSIN, Luiz Carlos (org.). *O mar se abriu: Trinta anos de teologia na América Latina*. São Paulo: Loyola, 2000a.
- SUSIN, Luiz Carlos (org.). *Sarça ardente. Teologia na América Latina: Perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 2000b.
- TABORDA, Francisco. “Métodos teológicos na América Latina”. *Perspectiva Teológica* 19 (1987), p. 293-319.
- TAMAYO-ACOSTA, Juan José. *Para comprender la teología de la liberación*. Estalla: Verbo Divino, 2000.
- ZUBIRI, Xavier. *Inteligencia sentiente. Inteligencia y realidad*. Madrid: Alianza Editorial, 2006.
- ZUBIRI, Xavier. *Inteligencia y logos*. Madrid: Alianza Editorial, 2002.
- ZUBIRI, Xavier. *Inteligencia y razón*. Madrid: Alianza Editorial, 2001.